

“LAVAR, COSTURAR, AGITAR A BANDEIRA”: RELATO DE UMA LUTA SEM FIM PELA DEMOCRACIA NO PERU

• Entrevista com Claudia Coca •

Por Revista Sur

Nesta edição da Revista Sur, em nossa Galeria de peças artísticas, incluímos o registro fotográfico de uma ação paradigmática do Colectivo Sociedad Civil realizada no ano 2000 no Peru, a “Lava la bandera”. Esta intervenção política e coletiva, realizada como um clamor simbólico pela democracia, contestava o sentido historicamente atribuído à bandeira como uma insígnia, a marca distintiva de um povo. Levar as bandeiras nacionais às praças e lavá-las coletivamente, ao mesmo tempo em que se configurava como uma crítica a um símbolo gasto e sua frágil representação, forjava, a muitas mãos, outros significados possíveis.

O contexto em que a ação foi realizada foi muito específico. A violação sistemática dos direitos humanos, a perseguição política, a corrupção e a pobreza acompanharam os longos anos da ditadura de Alberto Fujimori no país.

Hoje o Peru experimenta novamente uma profunda crise política. Uma crise que em pouco mais de um mês deixou um número alarmante de pessoas mortas e feridas em um cenário de violenta repressão estatal contra os manifestantes. 1 Milhares de pessoas têm ocupado as ruas peruanas com suas bandeiras hasteadas; as bandeiras de um país que hoje, como há 20 anos, vive um momento de instabilidade, resultado de profunda desigualdade nacional, racismo estrutural e uma crise institucional que se torna evidente numa violação sistemática dos direitos humanos.

Nesta breve entrevista com a Revista Sur, Claudia Coca, artista peruana, ativista política e professora, nos conta sobre sua experiência no Colectivo Sociedad Civil à época das intervenções

de “Lava la bandera”. Entre outras coisas, ela fala sobre as expectativas daquele período, o significado e o impacto dessas ações artísticas de rua que encheram muitas praças no Peru, e, finalmente, sobre a importância atemporal da resignificação e apropriação do valor simbólico da bandeira para criar ações coletivas diante da violação dos direitos humanos e como parte de uma constante busca pela manutenção da democracia.

• • •

Revista Sur • Conte-nos sobre o Colectivo Sociedad Civil, quais ideais os uniram e quem fazia parte?

Claudia Coca • Para mim, o Colectivo Sociedad Civil era um coletivo de cidadãs e cidadãos que queria ativar a sociedade civil para recuperar a democracia. Em 2000, com grande ingenuidade, endossamos a seguinte frase: “Pela derrubada cultural da ditadura”, e digo ingenuidade porque nunca esperávamos estar no mesmo lugar hoje, e digo isto com desespero e dor.

Éramos poucos no início e muitos no auge da luta democrática.²

Sur • O que foi mais marcante para vocês como grupo na realização da ação “Lava la bandera”?

C. C. • Estivemos nas ruas durante muitos meses com diferentes ações cidadãs. Embora a “Lava la bandera” fosse a mais famosa, tivemos experiências cruciais em diferentes momentos. Poderia dizer, pelo meu testemunho, que o mais marcante foi a união da força cidadã; começamos como poucos e nos tornamos muito participantes no coletivo, muitas pessoas que saíam para levar a cabo diferentes ações simbólicas contra a ditadura.

A importância da ação “Lava la bandera” foi que se manteve durante 6 meses, antes, durante e após a queda de Fujimori. Lavar a bandeira todas as sextas-feiras na Plaza de Armas significava que esta ação era replicada em outras regiões do país. Até mesmo cidadã e cidadãos peruanos em outros países replicavam a ação em praças e embaixadas. As réplicas não foram coordenadas por nós, foram a iniciativa da própria cidadania.



Documentação da repercussão midiática das ações do Colectivo Sociedad Civil. Arquivos cedidos pela artista Claudia Coca.

Sur • Como interpretam a repercussão e o efeito político em relação às expectativas que tinham no início?

C. C. • Os meios de comunicação democráticos cobriram as ações, que foram depois publicadas nos meios de comunicação escritos, radiofônicos e televisivos. Isso foi muito importante para o público ver as ações simbólicas de natureza pacífica e reflexiva. Era importante para nós sermos acompanhados pelos meios de comunicação, especialmente por razões de segurança, e isso foi um fator importante para atrair mais cidadãos a participar. Um tipo diferente de protesto das cidadãs e dos cidadãos significava que o medo de perseguição e de serem chamados de “terroristas” se diluía, e por isso saímos para protestar. O regime Fujimori já tinha assumido a linguagem simbólica e todos os que saíram para protestar foram vinculados ao terrorismo; infelizmente isto continua até hoje e estamos a vivê-lo novamente.

Sur • Quais são as convergências entre o contexto atual e o contexto em que a ação foi realizada? Fale-nos um pouco sobre as exigências sociais e políticas que motivam os protestos no Peru de hoje; quais são as saídas democráticas?

C. C. • Os regimes fascistas têm as mesmas características, pois existem muitas semelhanças entre o regime atual e o regime de Fujimori. A falta de direitos constitucionais é a questão mais importante. Hoje em dia, as vidas de peruanas e peruanos estão sendo tomadas da mesma forma que há 23 anos.

O Peru é um país com um centralismo injusto, onde outras regiões do país são abandonadas e vítimas de pobreza, desigualdade e discriminação. O racismo estrutural nos impede de pensar numa sociedade onde cidadãs e cidadãos tenham direitos iguais.

A situação atual foi provocada pelo golpe de Estado falido do ex-presidente Pedro Castillo, que esteve ligado a muitas investigações sobre corrupção e teve um governo populista, medíocre e corrupto durante um ano e meio. A exigência popular é que a presidente Dina Boluarte se demita, antecipando novas eleições presidenciais.³ O Congresso seria obrigado a mudar o seu conselho de administração, elegendo um novo presidente de consenso que depois assumiria a Presidência da República.



Registro da ação “Cose la bandera”, 2021. Arquivos cedidos pela artista Claudia Coca.

Sur • Partindo da situação atual para pensar nos símbolos nacionais, na possibilidade de contestá-los e de interromper o seu sentido hegemônico e colonial, que significado teria hoje uma intervenção como a que foi feita naquela época? A que seria comparável hoje?

C. C. • Pensar sobre a colonialidade dos símbolos patrióticos é um assunto que engloba uma extensa reflexão. Contudo, um símbolo como a bandeira ainda representa um lugar comum em que as pessoas se sentem refletidas, daí a importância da resignificação e apropriação do valor simbólico para criar ações/situações de união face à violação dos direitos humanos e democráticos.

Hoje as marchas estão cheias de bandeiras vermelhas e brancas, bem como de bandeiras pretas e brancas; o vermelho foi substituído pelo preto como sinal de luto pelos mais de 60 peruanos que perderam a vida nas mãos do regime da presidente Dina Boluarte e do seu primeiro-ministro, Alberto Otárola.

Em 2021, vários coletivos de cidadãs e cidadãos tomaram medidas para promover a criação da Comissão da Verdade e Reconciliação. Como Colectivo Sociedad Civil, realizamos a ação “Coser a bandera”. Assim, uma bandeira em preto e branco foi feita com roupas que simbolizavam as roupas que eram usadas nos velórios sem corpo daqueles que desapareceram durante o conflito armado. Esta ação foi levada a cabo pelos familiares dos desaparecidos e pela sociedade civil em solidariedade.

Hoje o Peru está mais uma vez de luto, hoje vemos as bandeiras em preto e branco que seguem sendo levantadas e agitadas.

A bandeira continua sendo um símbolo de comunhão, de reconhecimento; para muitos é um grito de inclusão e de direitos. Uma mulher indígena com uma bandeira luta pela sua inclusão e a do seu povo, que continuam a lutar por um lugar, pelos seus direitos, tal como faziam há mais de 500 anos.



Mulheres viajam de diferentes partes do país para Lima - protestos de 2023.
Crédito: Reuters.



Claudia Coca. Fonte: arquivo pessoal.

• • •

Entrevista recebida em janeiro de 2023.

Original em espanhol. Traduzido por Maryuri Mora Grisales e Renato Barreto.

NOTAS

1 • “Guterres preocupado com protestos no Peru que mataram dezenas”, ONU News, 26 de janeiro de 2023, acesso em 30 de janeiro de 2023, <https://news.un.org/pt/story/2023/01/1808777>.

2 • Os membros fundadores do Colectivo Sociedad Civil são oriundos das artes visuais. Nas primeiras semanas de formação, criação e trabalho faziam parte, além de Claudia Coca, Susana Torres Márquez, Abel Valdivia, Emilio Santisteban, Sandro Venturo,

Gustavo Buntinx, Fernando Bryce e Natalia Iguíñiz.

3 • Harold Quispe, “Mayoría de peruanos exige adelantar elecciones en 2023: nueva encuesta del IEP este domingo.” La República, 28 de janeiro de 2023, acesso em 30 de janeiro de 2023, <https://larepublica.pe/politica/actualidad/2023/01/28/adelanto-de-elecciones-mayoria-de-peruanos-exige-adelantar-elecciones-2023-encuesta-del-iep-de-domingo-dina-boluarte-334590>.



“Este artigo é publicado sob a licença de Creative Commons Noncommercial Attribution-NoDerivatives 4.0 International License”